UAL

UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA

UAL

UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA

ANAIS

Série História

VOLUME III-IV

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

ANAIS

Série História



III-IV

Ficha Técnica da Edição

ção: EDIUAL - Universidade Autónoma Editora, S.A.

Direcção: Armando Luís de Carvalho Homem

Redacção: Joaquim Emídio de Oliveira Correia
Fernando Carlos Rodrigues Martins
Miguel Figueira de Faria

Secretariado: Fernando Carlos Pinheiro Amorim
UAL/Pólo de Campo de Ourique
Rua Particular à Rua Saraiva de Carvalho, 207
1350 LISBOA
Tel. (01) 395 44 44
Fax: (01) 395 44 39

artigos são da responsabilidade dos autores.

LABORADORES DO PRESENTE NÚMERO:

Adolfo Silveira Martins — Doutor em História Moderna pela Universidade de Sevilha.

António Manuel Hespanha — Professor da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa; investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; professor convidado da Universidade de Macau; professor convidado da UAL; Comissário Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (1995-1999).

Armando Luís de Carvalho Homem — Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; professor convidado da UAL e Director do respectivo Departamento de *Ciências Humanas* nos mandatos 1993/95, 1995/97 e 1997/99.

Bernardo Vasconcelos e Sousa — Professor auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Fernando Carlos Pinheiro Amorim — Mestre em *História Moderna* pela Universidade de Lisboa; docente do Departamento de *Ciências Humanas/História* da UAL; Secretário do Curso de *História* nos mandatos 1995/97 e 1997/99; membro da CEU.

João Paulo Avelãs Nunes — Mestre em *História Contemporânea* pela Universidade de Coimbra e assistente da respectiva Faculdade de Letras.

João Pereira Evangelista — Geógrafo; docente da UAL; membro da CEU; delegado do Reitor no pólo das Caldas da Rainha.

Joaquim Emídio de Oliveira Correia — Escultor, professor catedrático jubilado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa; professor catedrático da UAL (Departamento de *Ciências Humanas/ /História* e Instituto de Artes e Ofícios); Subdirector do *Departamento de Ciências Humanas* para o Curso de *História* nos mandatos 1995/97 e 1997/99; membro da CEU.

José Augusto Ramos — Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

José Guilherme Victorino — Licenciado em *História* pela UAL e Coordenador do respectivo *Gabinete de Relações Exteriores*; membro da CEU.

José Manuel L. L. Subtil — Professor-coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo; professor convidado da UAL e coordenador do respectivo Curso de Especialização em *Ciências Documentais* no mandato 1997/99.

Justino Mendes de Almeida — Doutor em *Filologia Clássica* pela Universidade de Lisboa; professor catedrático da UAL e seu Reitor nos mandatos 1992/96 e 1996/2000; membro da CEU.

Luís Manuel de Araújo — Professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Manuel Farinha dos Santos — Docente de *Pré-História e Arqueologia* no Departamento de *Ciências Humanas/ /História* da UAL; membro da CEU.

Maria M. B. Magalhães Ramalho — Técnica do IPPAR.

Maria Graciana Dias Marques — Mestre em *Civilizações Pré-Classicas* pela Universidade Nova de Lisboa; docente da UAL; membro da CEU.

Maria Helena da Cruz Coelho — Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Maria João de Sousa Machado — Mestre em *História e Cultura Pré-Clássica* pela Universidade de Lisboa; docente do Departamento de *Ciências Humanas/História* da UAL.

Maria Manuela Tavares Ribeiro — Professora associada agregada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Maria Rita Lino Garnel — Mestre em *História Contemporânea* pela Universidade de Coimbra; docente da UAL.

Nuno Simões Rodrigues — Mestre em *História e Cultura Pré-Clássica* pela Universidade de Lisboa; assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; docente da Universidade Católica Portuguesa.

Índice

Memória da UAL

Um discípulo da vida – António João Simões Serra (1921-1996)
Fernando Carlos Pinheiro Amorim 9

Estudos de História e Cultura Pré-Clássica

UGARIT: Mitologia para uma cidade
José A. Ramos 25

Meios de Comunicação no Antigo Egipto
Luís Manuel de Araújo 39

Historiografia Acádica: realidade ou ficção? Breve análise das crónicas acádicas
Maria João Beirão Lopes de Sousa Machado 69

Estudos de Epigrafia

A importância do «Corpus» Epigráfico Flaviense
Justino Mendes de Almeida 93

Os Monumentos Lusitano-Romanos da Rua das Pedras Negras (Lisboa)
Justino Mendes de Almeida 99

Outros Estudos

Gravuras Rupestres do Distrito de Bragança: Elementos para a sua localização e estudo
Manuel Farinha dos Santos 105

Moedas da Lusitânia Portuguesa representadas na Colecção do Museu de Évora
Maria Graciana Dias Marques 115

Um Navio num Documento do Século XV
Adolfo A. Silveira Martins e Maria M. B. Magalhães Ramalho 121

Proselitismo religioso e africanização dos ritos cristãos em Moçambique nos séculos XVI a XVIII: para uma «velha» teoria do nivelamento antropológico luso-africano
Fernando Carlos Pinheiro Amorim 129

A formulação das hipóteses e a observação em História. O caso da História Política e Institucional Moderna
José M. Subtil 157
A acção e o pensamento de Heliodoro Salgado
Maria Rita Lino Garnel 189
As organizações de juventude e a memória histórica do Estado Novo (1934-1949)
João Paulo Avelãs Nunes 235

Memoriam

António Maria Mourinho (1917-1996): Evocação
Justino Mendes de Almeida 279
Francisco Paulo Mendes da Luz (1920-1995)
Justino Mendes de Almeida 283
Francisco Tomás y Valiente (1939-1996)
António Manuel Hespanha 285
François Furet (1927-!997): O revolucionário da Revolução
Maria Manuela Tavares Ribeiro 287
Georges Duby (1919-1996): Uma história que continua
Bernardo Vasconcelos e Sousa 297
Jorge Borges de Macedo (1921-1996)
José M. Subtil 303
Luís de Matos (1911-1995)
José M. Subtil 313
Manuel Viegas Guerreiro (1912-1997). Evocação e saudade
João Evangelista 323

ria

Dez anos de uma instituição universitária: memória e projecto
Armando Luís de Carvalho Homem 331
Balanço de um Ciclo. Um esforço de síntese da «sociedade política» dos finais da Idade Média portuguesa
José Guilherme Victorino 339
Nos 90 anos de Avelino de Jesus da Costa
Maria Helena da Cruz Coelho 341

censões críticas 345

la do Departamento 397

Memória da UAL

Jorge Borges de Macedo (1921-1996)

José Manuel Subtil

Morreu em Lisboa, no passado mês de Março, o Prof. Doutor Jorge Borges de Macedo, professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, um dos nomes cimeiros da historiografia portuguesa contemporânea.

Jorge Borges de Macedo nasceu em Lisboa a 3 de Março de 1921. Licenciou-se em Ciências Históricas e Filosóficas em 1944 com a defesa da tese *A Situação Económica no Tempo de Pombal — Alguns Aspectos* (cf. Bibliografia, n.º 1). Nos anos de 1946 a 1949, foi professor provisório do ensino técnico nas Escolas Machado de Castro e Fonseca Benevides e, em 1950, na Escola Lusitânia, ano em que foi afastado do ensino por ter estado preso no Aljube, passando, desde então, a leccionar no Colégio Moderno.

Em 1953, ganhou o concurso de provas públicas para o lugar de examinador da Administração-Geral dos C.T.T., cargo de que pediu a exoneração em Fevereiro de 1958, quando foi admitido na Faculdade de Letras como assistente da Prof.ª Doutora Virgínia Rau na cadeira de Teoria da História e do Prof. Doutor Manuel Heleno na cadeira de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa.

No mesmo ano, foi bolseiro do Centro de Estudos Históricos do Instituto de Alta Cultura, anexo à mesma Faculdade, iniciando os estudos sobre a indústria portuguesa, que viria a constituir o centro da atenção da sua tese de doutoramento, tendo, para o efeito, realizado investigações nos arquivos e bibliotecas de Londres e Paris.

Nos anos lectivos de 1959 a 1961, foi regente das cadeiras de História Moderna e Contemporânea e, de 1961 a 1964, de História de Portugal II. Foi, igualmente, assistente das cadeiras de História da Cultura Portuguesa (1959-1960) e de História da Cultura Moderna (1960-1961).

Em Junho de 1964, realizou as suas provas de doutoramento, tendo obtido a classificação de 19 valores, com a defesa da tese *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII* (cf. Bibliografia, n.º 4), vindo a ser proposto para 1.º assistente da Faculdade de Letras.

Em Junho de 1967, obteve o título de professor agregado de História, por unanidade, de um júri constituído por todos os professores catedráticos da Faculdade de tras, de que faziam parte, entre outros, os professores Vitorino Nemésio, Virgínia Rau, lando Ribeiro, Jacinto do Prado Coelho, Luís Lindley Cintra e Mário Brandão. nalmente, no ano de 1969, atingiria o grau de professor catedrático da Secção de stória da Faculdade de Letras de Lisboa.

Na sequência dos acontecimentos de 25 de Abril de 1974, seria afastado da docência Faculdade de Letras de Lisboa durante, aproximadamente, seis anos, regressando à tedra em 1980, para reger a cadeira de História Contemporânea de Portugal. Seria, tretanto, convidado pela Universidade Católica (1977) para integrar o corpo docente da :a científica de História Económica e História Diplomática, onde teve como alunos uros juristas, diplomatas e economistas.

Em Outubro de 1990, pela primeira e única vez, foi indigitado para um cargo lítico pelo secretário de Estado Pedro Santana Lopes, como director do Arquivo Nacio- l da Torre do Tombo em substituição do Prof. Doutor Martim de Albuquerque, numa ura em que se tinham concluído as operações de transferência da documentação do lácio de S. Bento para as novas instalações na Alameda da Universidade.

No dia 3 de Março de 1991, atingiu a jubilação como professor catedrático da iiversidade de Lisboa, sendo homenageado com uma exposição bibliográfica no Arquivo icional da Torre do Tombo e condecorado pelo Presidente da República, Dr. Mário ares, com a Ordem de Cristo.

Poucos dias antes da sua morte (Março de 1996), pediria a demissão do cargo de ector dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo ao ministro da Cultura, Manuel Maria rrilho, vindo a ser substituído pelo Prof. Doutor José Matoso, ex-presidente do Instituto rtuguês de Arquivos.

De entre as suas actividades contam-se, ainda, o exercício dos cargos de secretário junto do 1.º Congresso Nacional de Arqueologia (1958), secretário do Congresso ernacional de História dos Descobrimentos (1960), a representação do Centro de tudos Históricos do Instituto de Alta Cultura no 5.º Colóquio Internacional de Estudos so-Brasileiros (1963), bem como a direcção do mesmo centro durante a ausência Prof.ª Doutora Virgínia Rau nos Estados Unidos da América, passando a exercer o go de secretário a partir do seu regresso (1964).

Foi também secretário de redacção da revista editada pelo mesmo centro, *Do Tempo la História* (a partir de 1966). Em Junho de 1965, integrou a comissão portuguesa Comité International des Sciences Historiques, conjuntamente com o Prof. Doutor lvador Dias Arnaut, da Universidade de Coimbra. Fez parte dos júris dos exames de

admissão às Escolas Superiores de Nova Lisboa (Angola, 1964-1965), dos Prémios Gaspar Corte Real (1966), Bartolomeu Dias e Fernão Mendes Pinto (1967), instituídos pela Academia Internacional da Cultura Portuguesa, e ainda dos exames de aptidão à Faculdade de Letras de Lisboa (1967-1968). Orientou os cursos de férias da Faculdade de Letras entre 1965 e 1967. Foi sócio de várias academias e associações.

Das inúmeras teses que orientou no domínio da história económica, social, diplomática e cultural, destacam-se as provas de doutoramento da Prof.ª Doutora Maria do Rosário Themudo Barata de Azevedo Cruz e dos Profs. Doutores José Amado Mendes e José Manuel Tengarrinha.

A sua actividade política activa, como opositor ao regime salazarista, cobriu toda a década de quarenta e terminou no ano de 1957. Começou por militar no movimento estudantil ao lado de colegas e amigos, como Piteira Santos e Mário Soares. Quando terminou o curso (1944), teria sido aliciado para ingressar no Partido Comunista Português, embora tenha reconhecido, publicamente, que nunca foi seu militante.

Membro do MUD (1945) e conspirador na revolta da Mealhada, apoiou a candidatura presidencial do general Norton de Matos (1948) e esteve preso no Aljube (1950). Os acontecimentos na U.R.S.S. decorrentes da morte de Estaline, o debate político em torno do relatório de Nikita Khrustchev e, posteriormente, a invasão de Praga, aprofundaram as divergências entre Jorge Borges de Macedo e os seus companheiros na luta de oposição à ditadura.

Como o próprio o afirmou (v. entrevista a José Freire Antunes, 1994, cf. Bibliografia, n.º 14), a partir de 1957 cessou a sua actividade política, depois de uma acesa discussão com Piteira Santos (a que terá assistido Mário Soares) sobre o esmagamento da revolta da Hungria (1956), tornando-se, desde então, dissidente de «muita gente jovem que tinha andado política e emocionalmente na orla do marxismo».

No mesmo ano em que pôs termo à militância política, concorreu ao lugar de assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, cuja aprovação no Conselho Escolar se ficou a dever, de acordo com as suas próprias declarações, ao apoio de Baltasar Rebelo de Sousa, sendo na altura ministro da Educação o Prof. Doutor Leite Pinto.

A obra de Jorge Borges de Macedo como historiador e homem da cultura está, em grande parte, por avaliar, devido, fundamentalmente, a quatro razões. Em primeiro lugar, à enorme dispersão dos seus textos, tal é a quantidade de monografias, ensaios, artigos, traduções, confe-rências e seminários que produziu e realizou e que nunca foram agregados para publicação conjunta. Muitos destes textos são mesmo inéditos ou de rara circulação pública. Espera-se que, em breve, tal tarefa seja realizada pelos seus discípulos, de forma a podermos contar com uma edição das suas *Obras Completas*.

Em segundo lugar, pelo carácter multifacetado da sua produção historiográfica e ıltural, sendo completamente impossível enquadrá-lo como historiador de um período ı de uma temática. A sua intervenção como intelectual, académico e historiador atra- :ssou diversas áreas científicas (história política, diplomática, económica e cultural) diversos períodos (desde os finais da Idade Média até à época contemporânea). Neste ntido, uma avaliação global da sua obra terá de ter em conta a apreciação destas várias mensões, o que está, totalmente, por fazer.

Em terceiro lugar, porque Jorge Borges de Macedo optou, indistintamente, ou por n discurso acadé-mico, ou por um discurso ensaístico, por uma aproximação historio- áfica baseada em estudos documentais, ou por uma reflexão interpretativa de âmbito osófico e cultural, procurando um sentido para a História. Estas diversas atitudes rão, necessariamente, que ser distinguidas para se aquilatar das suas contribuições como storiador e como ensaísta.

E, finalmente, a polémica em torno do seu *engagement* político, tendendo as apre- ações a oscilar entre a admiração e a crítica implacável.

Este último aspecto prende-se, também, com outras causas. Desde logo, com o ntexto histórico português e internacional onde se insere a sua actividade como professor historiador. Entre os anos de estudante, coincidentes com a Segunda Grande Guerra 939-1945) e a assunção do Estado Novo, até à sua afirmação como catedrático (ocaso salazarismo, começo da «primavera» marcelista e Revolução de Maio em França) e, pois, a Revolução de Abril e as diversas reacções políticas até à consolidação do regime mocrático, Jorge Borges de Macedo viveu um período de constantes mudanças políticas, stitucionais e culturais, em que, por força da sua profissão e actividade, tomou partido bre as situações, o que, efectivamente, fez de forma polémica, ao assumir atitudes que, forma pros-pectiva, dão razão aos seus críticos quando afirmam não haver coerência telectual nas suas obras ou nas suas posições.

Militante opositor à ditadura, dissidente, galardoado na carreira académica pelo esmo regime que combateu, saneado pela Revolução de Abril e, finalmente, compensado la democracia consolidada, um percurso sinuoso e complexo a acompanhar a dinâmica s alterações profundas na sociedade portuguesa na última metade do século XX.

Depois, Jorge Borges de Macedo abraçou a carreira de historiador, numa fase de andes mudanças epistemológicas e metodológicas no domínio da História. Iniciou a a carreira numa altura em que a Escola dos Annales estava no auge da sua afirmação, sistiu às críticas demo-lidoras do estruturalismo e à crise do modelo marxista, às novas rspectivas teóricas que, depois dos anos setenta, renovaram, em grande parte, as tendên- as em voga, em particular as abordagens historiográficas contaminadas por outras ciên- as sociais e as novas ideias filosóficas emergentes do pós-modernismo.

Uma evolução em catadupa e em renovação constante, tanto das sociedades europeias como da sociedade portuguesa, da historiografia europeia como da historiografia portuguesa. Desta forma, a avaliação global da sua obra terá de ter em conta, também, a sua produção historiográfica em relação com este contexto, para se poder analisar o seu pensamento de acordo com a sua *própria* avaliação das circunstâncias em que viveu e com as opções historiográficas que foi adoptando por entre as várias solicitações a que foi sujeito como académico e como cidadão.

Este é, aliás, um caminho para se averiguar, igualmente, as estruturas da sociedade portuguesa, as suas fragilidades de afirmação e identidade nos últimos cinquenta anos, à luz do percurso de um dos seus intelectuais, porventura polémico.

Todavia, numa análise preliminar, serena e descomprometida, da sua obra, é, porém, possível retirar algumas linhas de força de orientação da sua actividade como historiador. Em primeiro lugar, a disponibilidade para a acção. Como se pode ver pela sua participação em variados acontecimentos (cf. Bibliografia n.º 20), desde os mais dignos do foro académico, até aos mais simples eventos associativos da sociedade civil, Jorge Borges de Macedo participou em todos com contributos intelectuais diversificados. Um historiador da academia, mas, também, do social como campo de acção.

Em segundo lugar, a sua persistente ansiedade filosófica associada à sua formação histórica, erudita e científica, contribuíram para que Jorge Borges de Macedo oscilasse entre o ensaio e a obra monográfica, procurando respostas para os mais diversos problemas da cultura portuguesa, em geral, e da História de Portugal, em particular.

A variedade de temas que tratou, a natureza das fontes que utilizou, a adopção das perspectivas que quis imprimir às suas intervenções (escritas e orais) fazem da sua obra um repositório de análise cuidada e atenta, um campo significativo sobre a visão do mundo de um intelectual, num período repleto de peripécias políticas e de frenesim intelectual.

Em terceiro lugar, é de assinalar o tom constante na sua produção cultural de uma vertente axiológica. Esta postura, sempre contraditória, é do ponto de vista ensaístico, uma das mais importantes contribuições de Jorge Borges de Macedo para a importância da cultura como factor de agregação nacional, independentemente, das suas próprias razões, por outros, certamente, contestadas.

Uma apreciação da sua principal e também mais conhecida obra como historiador dá-nos conta de uma actividade científica inovadora no panorama da historiografia portuguesa contemporânea, sobretudo como divulgador e intérprete das novas metodologias de trabalho que se desenvolveram, bem como do uso adequado das fontes arquivísticas no ofício de historiador.

A sua tese de licenciatura, *A Situação Económica no Tempo de Pombal — Alguns pectos* (cf. Bibliografia, 1), foi, indiscutivelmente, influenciada pela Escola dos Annales, meadamente pelas leituras de Marc Bloch e Lucien Febvre e, naturalmente, pelo para-gma marxista vigente que, aliás, o próprio autor reconheceu no prefácio à segunda ição da obra (1981), em particular um «Marx sem Engels», bem como a *praxis* dialéc-a de um *Materialismo e o Empiriocriticismo* (Lenine).

O objectivo da obra consistiu em periodizar e analisar as fases económicas do nsulado pombalino (1750-1777), tendo por hipótese de trabalho que a condução política Sebastião José de Carvalho e Melo foi marcada, essencialmente, por uma relação aléctica entre a prática da governação e as condições materiais da economia portuguesa, astando, de todo, a ideia de um projecto estratégico global (ideal) por parte do marquês.

Jorge Borges de Macedo, nesta sua primeira obra como historiador, fez também uma ção metodológica de fundo, ao privilegiar como fonte de informação a documentação quivística em detrimento dos textos doutrinários e legislativos. Esta atitude foi, à oca, uma ruptura com a historiografia tradicional, visto que se tratou, do ponto de sta teórico, da valorização das práticas sociais em desfavor das ideias sobre as mesmas áticas. Como o próprio afirmou, «o que interessa é o homem histórico».

Os pólos de significação que escolheu para a legitimação da sua tese foram a activi-de comercial e industrial, ficando de fora como, aliás, também, o reconheceu, entre tros, a agricultura e a divisão da propriedade. Mas o certo é que, decorridos cerca cinquenta anos, com raras excepções (v., por exemplo, de José Vicente Serrão, *Pombalismo e a Agricultura*, Lisboa, I.S.C.T.E, 1987, provas de aptidão científica e dagógica, a que não resiste a tese de Jorge Borges de Macedo para o restante da onomia), não foram produzidos outros estudos sistemáticos e estruturais sobre o ríodo pombalino. O próprio autor destas linhas deu-se conta, recentemente, da impor-ıcia das consequências das leis da amortização sobre os bens da Igreja e dos corpos de ão morta, a extinção dos pequenos morgados, o emparcelamento da propriedade e as leis bre as heranças e doações (v., de José Subtil, *O Desembargo do Paço (1750-1833)*, sboa, Universidade Nova, 1994, dissertação de doutoramento). Mas, tal como Jorge rges de Macedo afirmava no prefácio da primeira edição da obra (1951), continuamos a contrar «A cada passo, na história de Portugal, anomalias como (...) ignorar-se a quase alidade dos aspectos sociais, culturais, económicos, jurídicos e administrativos».

Na sua obra de 1962, *O Bloqueio Continental. Economia e Guerra Peninsular* . Bibliografia, n.º 3), em que se analisam as relações diplomáticas e comerciais entre rtugal, a França e a Espanha, Jorge Borges de Macedo abriu à historiografia portuguesa ntemporânea o estudo sobre o século XIX (excepção para Vitorino Magalhães Godinho,

que trabalhava em França, e para Piteira Santos, que publicava, no mesmo ano, *Geografia e Economia da Revolução de 1820*), um caminho que só anos mais tarde, no início da década de setenta, viria a ser trilhado por outros historiadores como Vítor de Sá, Joel Serrão, A. H. de Oliveira Marques, Armando de Castro, Miriam Halpern Pereira, Albert Silbert, Fernando de Sousa e Maria Beatriz Nizza da Silva.

Em os *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII* (cf. Bibliografia, n.º 4), dissertação de doutoramento apresentada em 1964, Jorge Borges de Macedo procurou construir uma perspectiva estrutural da indústria portuguesa anterior ao *take off* inglês, de forma a produzir um instrumento de análise comparativo, para melhor se entenderem as condições da possibilidade, ou não, da industrialização portuguesa.

Se é hoje polémica a sua tese sobre o estímulo comercial causado pelo Tratado de Methuen, a concorrência inglesa e a circulação fiduciária, em contraste com a compressão criada à indústria pelo acesso ao ouro do Brasil, bem como a teoria da «euforia» económica nos finais do século XVIII, o certo é que a metodologia que JBM seguiu no seu trabalho, a selecção e a panóplia das fontes que utilizou — como as pautas alfandegárias, os registos paroquiais, as informações dos cartórios, livros da décima, memórias manuscritas, estatísticas comerciais, descrições corográficas e fontes diplomáticas e legislativas — constituem, indiscutivelmente, um novo marco na forma de produzir História em Portugal, de que a historiografia contemporânea é subsidiária.

No início dos anos setenta, contribuiu de foram inovadora para o debate sobre a periodização, natureza e caracterização do absolutismo e da centralização do poder em Portugal quando, pela primeira vez, com os seus artigos no *Dicionário de História de Portugal* (cf. artigos sobre «Absolutismo» e «Centralização Política», Bibliografia, n.º 18), introduziu na historiografia portuguesa a reflexão proposta por Roland Mousnier, ao centrar a formação do Estado absoluto na estruturação dos organismos político-administrativos do governo da Coroa e dos instrumentos do exercício do poder, para especificar a configuração do Estado absolutista. Um entendimento mais profundo desta sua proposta conduziria à abertura de outras perspectivas, em particular as do Prof. Doutor António Manuel Hespanha, abrindo novos caminhos à investigação sobre a história do poder em Portugal e sobre os fundamentos do Estado moderno.

A renovação da história das relações externas de Portugal foi outra das opções de Jorge Borges de Macedo, cuja *História Diplomática Portuguesa. Constantes e Linhas de Força*, 1987 (cf. Bibliografia, n.º 11), constitui um título ainda hoje actual e, em muitos aspectos, um repositório de questões e problemas que a actual historiografia ainda não renovou.

Dentro da economia do presente texto, destacaríamos, ainda, os estudos *trangeirados. Um conceito a rever* (cf. Bibliografia, n.º 8), onde propôs uma nova erpretação da relação cultural e científica de Portugal com a Europa no século XVIII, *O aparecimento em Portugal do conceito de programa político* (cf. Bibliografia, n.º 7), ı que questiona alguns parâmetros da estratégia política do final do Antigo Regime.

Lisboa, 15 de Maio de 1996

BLIOGRAFIA

I. – Activa (*selecção*, cf. Bibliografia, n.os 20 e 21)

1951, *A Situação Económica no Tempo de Pombal — Alguns Aspectos*, Porto, Livraria Portugália, 1951 (1.ª Edição). 2.ª edição, Lisboa, Moraes Editores, 1982. 3.ª edição, Lisboa, Gradiva, 1989.

1954, *Portugal e a economia pombalina — Temas e hipóteses*, Revista de História, Ano V, vol. IX, n.º 19, São Paulo, 1954, pp. 81-97.

1962, *O Bloqueio Continental. Economia e Guerra Peninsular*, Lisboa, Delfos, 1962 (1.ª edição). 2.ª edição, revista, Lisboa, Gradiva, 1990.

1963, *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII*, Lisboa, Associação Industrial Portuguesa, 1963 (1.ª Edição). 2.ª edição, Lisboa, Querco, 1964.

1967, «Introdução» a João Lúcio de Azevedo, *Elementos para a História Económica de Portugal (séculos XII a XVII)*, *Lisboa*, Gabinete de Investigações Económicas do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, 1967, pp. III-XLIV. 2.ª edição, Lisboa, INAPA, 1990, pp. I-XXXXVII.

1971, «Introdução» a Luís Augusto Rebelo da Silva, *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1971, pp. 7-130 (1.ª Edição).

1971, *O aparecimento em Portugal do conceito de programa político*, Revista Portuguesa de História, tomo XIII, Coimbra, 1971, pp. 375-423.

1974, *Estrangeirados. Um conceito a rever*, Bracara Augusta, Braga, vol. XXVIII, n.os 65-66. 2.ª edição, Edições Templo, s/d.

1976, *Um caso de luta pelo Poder e a sua interpretação n'«Os Lusíadas»*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1976.

1981, *Temas de História Económica de Portugal*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1981.

1987, *História Diplomática Portuguesa. Constantes e Linhas de Força*, Lisboa, Instituto de Defesa Nacional, 1987.

1990, *Fontes Pereira de Melo,* Lisboa, Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, 1990.

1992, «História e Marxismo», entrevista conduzida por Manuel Cadafaz de Matos, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XII, n.os 518-519, Lisboa, 9 a 15 de Junho e 16 a 22 de Junho, 1992, pp. 15-17.

14. 1992, *Política económica em Portugal no século XIX. Teoria e prática*, Actas do Encontro Ibérico sobre História do Pensamento Económico, Lisboa, CISEP, 1992, pp. IX-XXXIX.
15. 1993, *Marcelo Caetano e o Marcelismo*, História de Portugal, direcção de João Medina, vol. XIII, Alfragide, Ediclube, 1993, pp. 263-282.
16. 1993, *Unidade do poder e diversidade de situações nas áreas regionais em Portugal. Consequências metodológicas*, Actas das Primeiras Jornadas de História Local e Regional, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Colibri, 1993, pp. 11-33.
17. 1994, *Jorge Borges de Macedo. O brilho do «Velho Sábio»*, entrevista conduzida por José Freire Antunes, *Semanário*, Ano X, n.º 567, 1 de Outubro, 1994, pp. 30-33.
18. 1994, *A Experiência Histórica Contemporânea*, Lisboa, Edição do Autor, 1994.
19. 1995, *Da História ao Documento. Do Documento à História. Histórias de Um Só Autor*, Da História ao Documento. Do Documento à História, Lisboa, Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 1995, pp. VII-XLV.
20. 1995, *Manuel Fernandes Tomás — Do regional ao nacional. Análise crítica de uma estratégia de mudança*, Amar, Sentir e Viver a História. Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão, vol. II, Lisboa, Colibri, 1995, pp. 545-589.
21. *Dicionário de História de Portugal,* artigos (selecção) sobre Absolutismo, Burguesia na Época Moderna, Capitalismo na Idade Moderna, Centralização Política, Comércio Externo na Idade Moderna, Companhias Comerciais, Despotismo Esclarecido, Indústria na Idade Moderna, Marquês de Pombal, Nobreza na Época Moderna.

II. Bibliografia Passiva

22. 1967, *Curriculum Vitae*, Lisboa, Reitoria da Universidade de Lisboa, 1967.
23. 1991, *Jorge Borges de Macedo, Itinerário de Uma Vida Pública, Cultural e Científica* (introdução de Joaquim Veríssimo Serrão, pesquisa e organização de José Brissos, Ana Isabel Cannas da Cunha e Ana de Lourdes Garcia, coordenação de Manuela Mendonça), Lisboa, Colibri, 1991. Trata-se de uma recolha exaustiva de toda a actividade científica, cultural e bibliográfica do Prof. Doutor Jorge Borges de Macedo até 1991, com centenas de registos informativos.
24. 1992, *Estudos em Homenagem a Jorge Borges de Macedo*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, 1992 (Com bibliografia escolhida pelo próprio homenageado).

Luís de Matos (1911-1995)

José Manuel Subtil

No passado mês de Novembro, morreu o Prof. Doutor Luís de Matos, catedrático jubilado do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, um dos melhores especialistas do Humanismo e do Renascimento portugueses [1].

Natural de Abrantes, Luís de Matos licenciou-se em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras de Lisboa em 1935. Depois de ter concluído o Exame de Estado no Liceu Normal de Lisboa (1938), foi professor agregado no Liceu Camões, até ser nomeado leitor de Língua e Literatura Portuguesas pelo Instituto de Alta Cultura (Outubro de 1939), iniciando, desde então, um longo período de cerca de vinte anos de ausência do País (1939-1959).

Durante esta fase, Luís de Matos foi leitor, primeiro na Faculdade de Letras de Bordéus (1939), substituindo o professor Costa Pimpão, e, depois, na Sorbonne (1940), sucedendo ao professor Orlando Ribeiro. Voltaria ao País por breves meses (1949-1951), retomando o lugar de professor efectivo do Liceu de Santarém, até ser encarregado do ensino da Língua e Literatura Portuguesas na Faculdade de Letras de Madrid (1952-1955) e regressar ao leitorado na Sorbonne até Março de 1959, ano em que concluiria o seu doutoramento de Estado e se fixaria, definitivamente, em Portugal, depois de condecorado pelo Governo francês com o grau de «Chevalier des Palmes Académiques».

Durante o seu leitorado em Paris trabalhou com George Le Gentil, Robert Ricard e Léon Bourdon, professores catedráticos de Estudos Portugueses. Destacam-se deste período os seus trabalhos, *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550* (cf. Bibliografia, 6) e *Les Portugais en France au XVIe siècle — Études et documents*

---

[1] Agradecemos as informações prestadas pelo Dr. Manuel Ferreira da Fonseca e pela Dr.ª Maria Teresa do Vale de Matos que, como funcionários da Fundação Calouste Gulbenkian, conviveram estreitamente com o Prof. Luís de Matos desde o seu regresso defintivo a Portugal (1959), bem como as facilidades concedidas pela Dra. Maria do Amparo Bispo, da Biblioteca Nacional de Lisboa.

. Bibliografia, 8), dois estudos que precisam aspectos importantes da Renascença tuguesa como época efervescente da nossa História. O primeiro é uma prosopografia de udantes portugueses matriculados na Universidade de Paris, com uma análise sobre o ɔel de Diogo de Gouveia como director do Colégio de Sainte-Barbe. O segundo aborda técnicas da ciência náutica portuguesa, a diplomacia e o humanismo, o ambiente versitário e as trocas culturais.

As suas teses de «Doctorat d'État», *L'Expansion Portugaise dans la Littérature Latine la Renaissance* (cf. Bibliografia, 58), tese principal, e *La Correspondance Latine de mião de Goes (*cf. Bibliografia, 15), tese complementar, obtiveram a classificação «mention très honorable à l'unanimité» e foram arguidas pelos professores Robert ard, Michel Mollat e Léon Bourdon (tese principal) e Marcel Bataillon e Jacques ret (tese complementar). Luís de Matos seria o segundo universitário português a ser ısagrado com o grau de doutor de Estado pela Sorbonne, depois de Vasco de Magalhães-lhena (1949).

Neste seu trabalho, Luís de Matos abarca a segunda metade de Quatrocentos e a meira metade de Quinhentos, apresentando textos da literatura latina com indicadores influência da Expansão Portuguesa, em especial a de André de Resende e Damião de is, procurando mostrar o significado de que a mesma se revestiu, particularmente a lução do Oriente e o reflexo da obra dos humanistas, com o objectivo de avaliar a ão dos Portugueses numa perspectiva crítica, como o mostra, aliás, a notável síntese rca das relações entre a *Utopia* de Thomas More e a Expansão Portuguesa, especial-nte a influência exercida pelo *Itinerarium portugallensium* (cf. Bibliografia, 59) e o or historiográfico de *De rebus Emmanuelis gestis* (cf. Bibliografia, 5), a atestarem o ıtimento generalizado de admiração por Portugal, um país de «Pouca gente e muito to» (Gil Vicente).

Nestes seus estudos, Luís de Matos concluiu que, durante a primeira metade do ulo XVI, os humanistas portugueses participaram no movimento de ideias e pessoas, no o prova a permanência em Portugal de humanistas italianos, franceses, flamengos, anhóis e, mais raramente, ingleses e alemães, e, por outro lado, a presença de centenas estudantes portugueses nas principais universidades europeias. No seu entender, se os rangeiros não estiveram na origem do humanismo português, não se pode, contudo, nimizar o seu papel, como aconteceu, por exemplo, na própria Corte desde o século XV. este respeito, Luís de Matos, em *A Corte Literária dos Duques de Bragança no nascimento* (cf. Bibliografia, 12), reconstruiu o ambiente cultural de um século 90-1590) durante o qual a Casa de Bragança teve à sua frente os duques D. Jaime, Teodósio I, D. João e D. Teodósio II, de forma a seguir os estudos dos duques no

estrangeiro, a formação dos preceptores, os estudos nos colégios nacionais, a educação, o ensino literário e científico no Paço Ducal, onde se viveu intensamente o Renascimento e o Humanismo.

Luís de Matos, no primeiro trabalho que publicou, relativo às *Quatro Orações Latinas* (cf. Bi-bliografia, 1), já tinha chamado a atenção para a influência dos humanistas estrangeiros na transferência da Universidade para Coimbra (1537) e na fundação do Colégio das Artes (1548), sob a direcção de André de Gouveia, dois acontecimentos coincidentes com o período mais brilhante do humanismo português. As *Orationes* proferidas por humanistas portugueses e estrangeiros, Arnaldo Fabrício, André de Resende, Belchior Beleago e Hilário Moreira, propunham-se delinear o novo *curriculum* académico da Universidade e criticar tudo o que estivesse fora da disciplina da Igreja, a «loucura dos hereges». Segundo Luís de Matos, devido a esta confluência cultural europeia, «Havíamos entrado franca-mente no caminho da europeização e foi neste tempo que Portugal mais se elevou no plano da cultura. Perdido o contacto com a Europa, decaiu rapidamente».

Este é, aliás, o aspecto mais importante salientado em toda a obra de Luís de Matos, isto é, o cosmopolitismo da nossa Renascença, a facilidade com que os Portugueses se expatriam a partir da segunda metade do séc. XV, sobretudo para a Itália e, depois, para Salamanca e Paris, por vezes Lovaina, Montpellier (Medicina), Toulouse (Direito), Bordéus (Humanidades) e, nalguns raros casos, para Oxford e Cambridge (Teologia). Esta corrente migratória pressupõe estreitos contactos entre os humanistas portugueses e a Europa, já que os estudantes permaneciam no estrangeiro cerca de dez anos e, por vezes, ao concluírem o curso e, depois, o doutoramento, ficavam como professores nas Universidades (por exemplo, a cadeira de prima de Leis em Salamanca foi ocupada por Manuel da Costa, Aires Pinhel e Heitor Rodrigues; Diogo de Gouveia dirigiu o Colégio de Sainte-Barbe; André de Gouveia, o Colégio de Guyenne, em Bordéus; António de Gouveia foi professor de Humanidades em Bordéus, Lião e Paris, e professor de Direito em Cahors, Valence e Grenoble).

Por estas circunstâncias, o Humanismo português não ficou fechado nas fronteiras do Reino, antes estabeleceu com a Europa laços estreitos que acabaram por ter influência na reforma do ensino e na renovação da cultura, mesclado das tendências mais diversas, mas, no essencial, fiel ao espírito de Diogo de Gouveia que, na Sorbonne, condenou Lutero e Erasmo em nome de um humanismo cristão.

A esta visão *europeizante* e cristã da cultura humanista portuguesa, Luís de Matos associou o nosso esplendor nas «artes e nas letras» e, inversamente, ligou a nossa decadência ao processo de isolamento cultural. Uma tese que, mais tarde, viria a ser

:uperada por outros historiadores da cultura portuguesa, como José Sebastião da .va Dias e António José Saraiva.

De regresso definitivo ao País (1959), Luís de Matos não viu, contudo, o seu dou-'amento reconhecido e foi obrigado a retomar o ensino no Liceu Passos Manuel durante terceiro período do ano lectivo de 1958-1959, para depois, por convite do professor lriano Moreira, ser nomeado professor do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos utubro de 1959), sendo responsável pela regência das cadeiras de História da pansão da Cultura Portuguesa e História Diplomática até à jubilação (1985).

Em acumulação com as funções docentes, Luís de Matos dirigiu o Serviço de bliografia Internacional Luso-Brasileira (desde Janeiro de 1960) da Fundação Calouste lbenkian e o Serviço da Biblioteca Geral (desde Outubro de 1968 até à sua reforma 1992). Fez parte, ainda, da Comissão de Instalação da Faculdade de Ciências Sociais e manas da Universidade Nova de Lisboa, conjuntamente com os professores A. H. de iveira Marques, Vitorino Magalhães Godinho e Luís de Albuquerque.

Como director e primeiro responsável pela edição do *Boletim Internacional de bliografia Luso-Brasileira* (1960-1973), Luís de Matos fomentou o intercâmbio de nhecimentos sobre a cultura portuguesa e foi, também, um grande divulgador de fontes a o estudo do Humanismo e do Renascimento em Portugal.

O Boletim tinha uma comissão consultiva formada por especialistas da Alemanha, asil, Checoslováquia, Espanha, USA, França, Holanda, Inglaterra, Itália e Portugal. da volume anual era constituído por quatro números, um referente a cada trimestre, mado por uma parte relativa ao registo bibliográfico e cobrindo as áreas de a Terra e o mem, Língua, Literatura, Belas-Artes, História, Sociedade, Política, Economia, Ordem ídica, Ciências Médicas, Instrumentos de Investigação e Cultura e outros Estudos não ssificados. Numa outra parte do *Boletim*, eram dados a conhecer trabalhos no prelo em preparação e bibliografia especializada.

O rigoroso trabalho, em especial a enorme quantidade e a qualidade das notas de lapé, dedicado à publicação das *Imagens do Oriente no Século XVI* (cf. Bibliografia, 56), par-lhe-ia cerca de seis anos (1979-1985), coincidindo a edição com uma outra a responsabilidade de Fernand Braudel (introdução), *Além-Mar, Códice Casanatense 1889, Os Portugueses na Índia, Viagens, Aventuras, Conquista*, Bertrand & F. M. Ricci, 34 (textos de Gianni Guadalupi, C. R. Boxer e Robert Barchiesi).

O último grande trabalho de Luís de Matos seria a publicação da sua tese de douto-nento, revista e melhorada, que lhe preencheria os anos de 1986 a 1990 e viria a obter rémio D. João de Castro, da Comissão dos Descobrimentos.

Além das funções já referidas, Luís de Matos foi, até ao fim da sua vida, consultor científico das bolsas concedidas pela Fundação Calouste Gulbenkian, o que lhe permitia estar ao corrente do dinamismo e dos pólos de interesse da investigação nacional. Realizou várias conferências no estrangeiro, em missão do Instituto de Alta Cultura (Roma, Montpellier, Toulouse, Paris, Rio de Janeiro, São Paulo, Londres), e representou a Fundação Calouste Gulbenkian em vários congressos e colóquios (Bruxelas, Viena de Áustria, Boston, Nova Iorque).

Depois de reformado pela Fundação Calouste Gulbenkian (Junho de 1992), passaria os últimos três anos da sua vida (Lisboa, 1992-1995) muito doente, na companhia de Maria Helena Ferro, amiga de Azeredo Perdigão, que conhecera em 1960 e com quem casara.

Em toda a sua obra, Luís de Matos ensaiou uma metodologia inovadora sobre a forma de analisar a produção de modelos culturais, a sua circulação, divulgação, imitação e interacção, procurando detectar, para o caso português, as influências recíprocas dos produtores culturais nacionais e estrangeiros, com o objectivo de avaliar a repercussão da obra da expansão cultural portuguesa e/ou suas dependências. Associando à sua enorme erudição um conhecimento rigoroso do latim, Luís de Matos pôde lidar com fontes documentais dificilmente utilizáveis, o que empresta à sua vasta obra um valor impres-cindível e único no panorama da história da cultura portuguesa dos finais do século XV e século XVI.

Conservador por convicção política, LM teve de enfrentar algumas vicissitudes na Fundação Calouste Gulbenkian durante o processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974 vindo, porém, posteriormente, a aliar ao seu prestígio científico uma maior capacidade de diálogo e abertura para com os seus colaboradores, deixando um profundo sentimento de admiração em todos os que o acompanharam no seu percurso de filólogo, historiador da cultura e professor universitário.

Lisboa, 2 de Abril de 1996

BLIOGRAFIA

(Bibliografia principal: 1,2,6,8,12,15,21,39,40,51,52,53,54,55,56,57,58,59,60)

1937, «Introdução» a *Quatro Orações Latinas, proferidas na Universidade de Coimbra e no Colégio das Artes* (século XVI), Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937, pp. 67-92.

1937, *O humanista Diogo de Teive*, Revista da Universidade de Coimbra, Coimbra, XXIII, 1937, pp. 215-270.

1940, *Les Études Portugaises à Bordeaux*, Bulletin de l'Institut Français au Portugal, Numéro spécial consacré aux Commémorations des Centenaires, Lisboa, 1940.

1947, *Dos Estudos Clássicos em França*, Humanitas, I, Coimbra, Tipografia Atlântida, 1947.

1948, *La place du possessif dans le 'De rebus Emmanuelis gestis'*, de Jerónimo Osório, «Mélanges de Philologie, de Littérature et d'Histoire anciennes offerts à J. Marouzeau par ses collègues et élèves étrangers», Paris, 1948, pp. 427-436.

1950, *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550,* Coimbra, Universidade de Coimbra, 1950.

1952, *Un diplomate humaniste: Jean Nicot, ambassadeur de France au Portugal*, Annales publiés par la Faculté des Lettres de Toulouse. Littératures, Études de Littérature Moderne, I, Toulouse, 1952.

1952, *Les Portugais en France au XVIe siècle — Études et documents*, Coimbra, 1952.

1954, *Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parísio Sículo*, *A Cidade de Évora*, Évora, XI, 1954, pp. 10-11; n.os 35-36, 1956, pp. 2-13.

1955, *A propósito do «Tríptico de Santa Auta»*, Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga, III, Lisboa, 1955.

1956, *Nótula sobre os Estudos Clássicos em Espanha. O Instituto António de Nebrija*, Euphrosyne, vol. I, Lisboa, 1956.

1956, *A Corte Literária dos Duques de Bragança no Renascimento*, Fundação da Casa de Bragança, 1956 (conferência proferida no Paço Ducal de Vila Viçosa, 15 de Outubro de 1955).

1959, *Acerca dos inéditos de João de Barros*, Actas do III Congresso Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Lisboa, 1959.

1959, *Un aspect de la question vespuccienne: l'auteur du «Mundus Novus»*, Charles-Quint et son temps, Paris, 1959.

1959, *La Correspondance Latine de Damião de Goes,* Paris, Sorbonne, 1959. Tese complementar do Doutoramento de Estado apresentado à Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Paris (Sorbonne), em 1959.

1960, *«A Ars Nautica» de Fernando Oliveira*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, I, Lisboa, 1960, pp. 239-251.

1960, *Consulta sobre o Padre Manuel Álvares*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, I, Lisboa, 1960, pp. 537-538.

1960, *Forma e natura e costumi del Rinoceronte*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, I, Lisboa, 1960, pp. 387-394.

1960, *La vittoria contro i Mori e la presa di Azimur*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, I, Lisboa , 1960, pp. 214-218.

1960, *Obras raras do século XVI*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, I, Lisboa, 1960, pp. 543-553; III, Lisboa, 1962, pp. 74-83.

21. 1960, *Un umanista portoghese in Italia. Damião de Goes*, Estudos Italianos em Portugal, Lisboa, XIX, 1960, pp. 41-61.
22. 1960, *A primeira obra impressa de Anchieta*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, I, Lisboa, 1960, pp. 539-543.
23. 1960, *A tradução latina da «Crónica de D. Afonso Henriques»*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, I, Lisboa,1960, pp. 587-589.
24. 1960, *Natura, intellectto e costumi dell'elefante*, Philomathes (autor), Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, I, Lisboa, 1960, pp. 44-47.
25. 1961, *Epistola delle vittorie avute in India e Malaca*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, II, Lisboa, 1961.
26. 1962, *Pero de Magalhães de Gândavo e o «Tractado da Província do Brasil»*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, III, Lisboa, 1962, pp. 632-639.
27. 1962, *Obras raras do século XVI*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, III, Lisboa, 1962.
28. 1963, *Das relações entre Erasmo e os Portugueses*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, IV, Lisboa, 1963, pp. 242-244.
29. 1963, *Impressos raros sobre o Brasil*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, IV, Lisboa, 1963.
30. 1963, *Um opúsculo raro. O contrato dos dízimos reais da Paraíba*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, IV, Lisboa, 1963.
31. 1964, *Erasmo e Amato Lusitano*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, V, Lisboa, 1964, pp. 482-483.
32. 1964, *Um opúsculo raro. Relação das festas que se fizeram no Rio de Janeiro*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, V, Lisboa, 1964.
33. 1964, *Uma «Epístola» de Jean Gerson* impressa em Portugal, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, V, Lisboa, 1964, p. 482.
34. 1964, *A expansão marítima e a metáfora em português*, Espiral, I, 1964, pp. 50-55.
35. 1964, *A fixação das fronteiras de Angola*, lição proferida no Curso de Extensão Universitária sobre Angola, organizado pelo ISCSPU, Universidade Técnica de Lisboa, ano lectivo de 1963/64, separata de *Angola*, Lisboa, 1964, pp. 63 e segs.
36. 1964, *Opúsculos Luso-Brasileiros*, separata do Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, IV/V, Lisboa, 1964.
37. 1964, *Teatro de Cordel*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, V, Lisboa, 1964.
38. 1965, *As Fronteiras de Moçambique*, lição proferida no Curso de Extensão Universitária sobre Moçambique, organizado pelo ISCSPU, Universidade Técnica de Lisboa, ano lectivo de 1964/65, separata de *Moçambique*, Lisboa, 1965, pp. 5-23.
39. 1965, *L'Humanisme portugais et ses relations avec l'Europe*, Bulletin des Études Portugaises, publicado por l'Institut Français au Portugal, com a colaboração do Institut d'Études Portugaises et Brésiliennes de la Sorbonne, tomo XXVI, Lisboa, 1965, pp. 45-65 (conferência proferida no King's College, Londres, em 3 de Maio de 1965).
40. 1965, *No IV centenário da Fundação do Rio de Janeiro: Literatura, História, Arte*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.
41. 1966, *A delimitação das fronteiras da Guiné*, lição proferida no Curso de Extensão Universitária sobre Cabo Verde, Guiné e S. Tomé e Príncipe, organizado pelo ISCSPU, da Universidade Técnica de Lisboa, ano lectivo de 1965/66, separata de *Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, 1966, pp. 7-23.

1966, *A Utopia de Thomas More e a Expansão Portuguesa*, Estudos Políticos e Sociais, IV, Lisboa, 1966, pp. 809-820.

1966, *La Littérature des Découvertes*, Les aspects internationaux de la découverte océanique aux XV^e^ et XVI^e^ siècles, Paris, 1966.

1966, *Sobre António de Gouveia e a sua obra*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, VII, Lisboa, 1966, pp. 559-583.

1967, *Opúsculos raros sobre o Brasil*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, VIII, Lisboa, 1967.

1968, *O português — língua franca no Oriente*, Colóquios sobre as províncias do Oriente, vol. II, Lisboa, 1968.

1969, *Um Livro de Marinharia Inédito*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, X, Lisboa, 1969, pp. 5-86.

1969, «Introdução» a *David Lopes: A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos Séculos XVI, XVII e XVIII*, Porto, 1969.

1970, *Estudos preparatórios*, Estudos Políticos e Sociais, VIII, n.^os^ 3/4, 1970, pp. 3-5.

1971, *Alguns manuscritos ultramarinos da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, XII, Lisboa, 1971, pp. 509-554.

1972, «Introdução» a *Das Relações entre Portugal e a Pérsia (1500-1758)*, catálogo bibliográfico da Exposição Comemorativa do XXV Centenário da Monarquia no Irão, organização da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972 (pp. XIII-XXV).

1972, *Renascimento Português e Cosmopolitismo, Problemas do Espaço Português*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972.

1981, *Contribuição sobre o Ensino Particular no Séc. XVI*, in Memorian Ruben Andresen Leitão, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, vol. II, pp. 195-229.

1983, «Introdução» a André Rodrigues de Évora, *Sentenças para a ensinança e doutrina do principe D. Sebastião*, transcrição do fac-símile inédito da Casa do Cadaval, Lisboa, Banco Pinto & Sotto Mayor, 1983.

1984, *L'Humanisme portugais et l'Europe*, Actes du XXI Colloque International d'Études Humanistes, 1978, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1984, pp. 397-417.

1985, «Introdução» a *Imagens do Oriente no século XVI*, reprodução do códice português da Biblioteca Casanatense, Colecção Presenças da Imagem, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 17-129 (no âmbito da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura).

1985, *Os Descobrimentos Portugueses, O Começo da Cultura Moderna: Inovação e Mudança, Reflexões sobre História e Cultura Portuguesa*, ciclo de conferências para professores de História do Ensino Secundário, realizadas no Museu de Etnologia no ano lectivo de 1981/82, coordenação de Maria Emília Cordeiro Ferreira, Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa, Lisboa, Instituto Português de Ensino à Distância, 1985, pp. 75-134.

1991, *L'Expansion Portugaise dans la Littérature Latine de la Renaissance,* Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991. Tese principal para o doutoramento de Estado apresentado à Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Paris (Sorbonne), em 1959.

1992, «Introdução» a Fracanzano da Montalboddo, *Itinerarium portugallensium*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian,1992 (fac-símile da edição de Milão de 1508 — rotas comerciais portuguesas), pp. XI-LXXVII.

Dicionário de História de Portugal, artigos sobre Aires Barbosa, Álvaro da Fonseca, André de Gouveia, António de Gouveia, Diogo de Gouveia, Estêvão Cavaleiro, Henrique Caiado, Humanismo Português, Pêro de Magalhães Gândavo, Renascimento em Portugal, João Vaseu.

Dictionary of South African Bibliography, artigo sobre Luís de Camões e a África do Sul.

62. Recensões sobre *La naissance de l'humanisme moderne*, Paris, 1940, de Françoise de Dainville e *La Géographie des Humanistes*, Paris, 1940 (Humanitas, I, Coimbra, 1942); *El latín en Colombia. Bosquejo histórico del Humanismo Colombiano*, Bogotá, 1949, de José Manuel Rivas Sacconi (Biblos, XXV, Coimbra, 1949); *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Coimbra, 1952, de Marcel Bataillon (Bulletin Hispanique, LV, Bordéus, 1953); *Amato Lusitano. Comentários à sua vida, obra e época*, Lisboa, 1962 de Ricardo Jorge (Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, V, Lisboa, 1964); *Aromatum et simplicium medicamentorum apud Indos nascentium historia*, Lisboa, 1964, de Carlos Clúsio (Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, VII, Lisboa, 1966).

Bibliografia Passiva

63. 1961, Madahil, G. Rocha, *Subsídios para mais completa investigação da bibliografia do século XVI*, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, II, Lisboa, 1961.

64. 1986, Martins, Isaltina das Dores Figueiredo, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1986 (Série «Textos Humanísticos Portugueses», 3).